

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTE DRAMÁTICA

AMANDA SANTANA LEAL

Orientadora: Profa. Dra. Patricia Leonardelli

MINHA MÃE ME FEZ ARTISTA:
A CONSTRUÇÃO DE UMA ARTISTA ATRAVÉS DA ESCRIVIVÊNCIA

PORTO ALEGRE

2024

AMANDA SANTANA LEAL

MINHA MÃE ME FEZ ARTISTA:
A CONSTRUÇÃO DE UMA ARTISTA ATRAVÉS DA ESCRIVÊNCIA

Trabalho de Conclusão de curso apresentado ao Departamento de Arte Dramática do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito obrigatório para obtenção do título de Bacharel em Teatro com Habilitação em Interpretação Teatral.
Orientadora: Patricia Leonardelli.

PORTO ALEGRE

2024

AMANDA SANTANA LEAL

**MINHA MÃE ME FEZ ARTISTA:
CONSTRUÇÃO DE UMA ARTISTA ATRAVÉS DA ESCRIVIVÊNCIA.**

Trabalho de Conclusão de Curso de Bacharelado em Teatro apresentado ao Departamento de Arte Dramática do Instituto de Artes da Universidade do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do de Bacharel em Teatro.

Aprovada em: ___ de ___ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Patricia Leonardelli - UFRGS (Orientadora)

Cristiane Werlang (Banca)

Celina Alcântara (Banca)

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Mãe Iansã e a todos os Orixás. Agradeço à Rainha das Almas e a todos os Exus e Pombagiras, guardiãs e guardiões de minha mãe, estendendo seu manto de cuidado e proteção até mim, fortificaram essa caminhada que está só começando.

Nestas notas, quero deixar meu agradecimento às pessoas que de alguma forma me ajudaram a atravessar este capítulo em minha vida, foram anos de dedicação, esforço, alguns sonhos realizados, outros se construindo e a certeza de que na minha caminhada a existência destas pessoas não só me fortalece mas me ampara.

Agradeço minha mãe, Silvana Santanna pela vida, pelo amor incondicional, pelo carinho, pela força e educação, não à toa és tema de meu Trabalho de Conclusão de Curso e Estágio em Atuação. És minha maior inspiração, como pessoa, como mulher e como artista. Agradeço à minha irmã Ana Carolina. Por sete anos pedi pela tua vinda ao mundo, tenho em ti amor, companhia e amizade, juntamente com nossa mãe, és meu coração fora do peito. Nossa família é a base de tudo que eu acredito como belo e genuíno nesta vida, sei que sou abençoada pelo vínculo que temos. Meus sonhos se tornam reais cada vez que recarrego minhas forças com vocês.

Agradeço ao meu ex-padrasto, Sandro Ferraz, pelo acolhimento, amizade e carinho, és peça importante neste caminho. Agradeço à minha melhor amiga, Juliana Rosa, pela amizade e lealdade de todos estes anos. Aos meus padrinhos, Silvio Santanna, Elisabete Santanna e Aline Bender, sinto-me abençoada por ser cercada de pessoas que me amam e me apoiam.

Por último, um breve agradecimento a mim, não por ego, mas para registro de que permanecer leal a mim e aos meus sonhos também me fortificou neste capítulo.

RESUMO

Dedico estas notas a quem iniciará esta leitura a fim de lhes contar o que está por vir diante de todas estas cartas que estou escrevendo. Prometo ser breve, ao menos por agora, mas veremos ao longo delas que tenho, por costume, a mania conversar sobre diversos temas e assuntos enquanto lhes conto lembranças e faço planos para o futuro. Sem mais delongas, vamos direto ao ponto.

Nestas cartas irei lhes contar sobre como as memórias me serviram como caminho e amparo enquanto vou de encontro ao conceito de *Escrevivências* de Conceição Evaristo (2017).

Preparem-se para mergulhar não apenas no conceito ou nas memórias que irei lhes contando ao longo das cartas, mas também na perspectiva de coisas já conhecidas ou não, narradas através da ótica de quem também anseia saber mais, conhecer mais.

Verão, com certos detalhes, o motivo de minha mãe ter se tornado pilar central e tema deste trabalho, não quero antecipar-me, mas poderão acompanhar como família, sonhos e curiosidade de saber mais sobre si e sua ancestralidade historicamente, influencia sua visão de mundo. Da memória ao registro, sonhos, pesquisas e arte. Minha mãe me fez artista, a construção de uma artista através da *escrevivência*.

ABSTRACT

I dedicate these notes to those who will begin this reading in order to tell them what is to come in the face of all these letters that I am writing. I promise to be brief, at least for now, but we will see as I tend to have a habit of talking about different topics and subjects while sharing stories and making plans for the future. Without further ado, let's get straight to the point.

In these letters I will talk about how memories served me as a path and support as I meet the concept of Writings by Conceição Evaristo (2017).

Get ready to delve not only into the concept or memories that you will be told throughout the letters, but also into the perspective of things already known or not, narrated through the eyes of those who also yearn to know more, to know more.

You will see, in certain details, the reason why my mother became the central pillar and theme of this work, I don't want to get ahead of myself, but you can follow how family, dreams and curiosity to know more about yourself and your ancestry historically influence your worldview . From memory to recording, dreams, research and art. My mother made me an artist, the construction of an artist through writing.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO: CARTA ÀS MEMÓRIAS.....	11
2. CARTA À BANCA.....	13
3. CARTA À ESCREVIVÊNCIA.....	15
3.1 Da escrita ao registro.....	16
3.2 História, Análises e Teoria.....	17
3.3 Conceição, <i>escrevivências</i> , personagens.....	20
3.4 <i>Escrevivências</i> autobiográficas.....	21
3.5 <i>Escrevivências</i> voltados ao tema: conversa com a teoria.....	23
4. NOTAS SOBRE MINHA MÃE.....	25
5. CARTA À CONCEIÇÃO EVARISTO.....	27
6. CONCLUSÃO: CARTA ÀS MEMÓRIAS.....	28
7. ALBUM DE FAMÍLIA.....	29
8. BIBLIOGRAFIA.....	33

LISTA DE FIGURAS

1. FIGURA 1 - SILVANA NA INFÂNCIA.....	29
2. FIGURA 2 - SILVANA ATUALMENTE.....	29
3. FIGURA 3 - SILVANA E AMANDA	30
4. FIGURA 4 - ANA CAROLINA NA INFÂNCIA.....	30
5. FIGURA 5 - ANA CAROLINA ATUALMENTE.....	31
6. FIGURA 6 - AMANDA E ANA CAROLINA.....	31
7. FIGURA 7- SILVANA, AMANDA E ANA CAROLINA.....	32

1. INTRODUÇÃO: CARTA ÀS MEMÓRIAS

Escrevo a ti, minha velha conhecida íntima, contando as boas novas e últimas. Sei que vais me indagar, cobrar por respostas, posicionamentos e explicações plausíveis. Conhecemo-nos há tanto tempo que sei exatamente como nossa relação funciona. Não se preocupe! Durante as próximas páginas vou lhe contar com riqueza de detalhes tudo sobre nós. Sim, espero que entenda que, ao longo destas cartas, sua presença se tornou indispensável. Não se chateie, nossas memórias mais bonitas servirão como inspiração. As memórias e vivências dos outros nos servirão de fonte da curiosidade, por isso és o caminho que decidi percorrer em tom de pesquisa. Vamos em busca de arte! Então dançaremos entre as memórias, cantaremos as notas musicais das vivências e quem sabe, ao fim da última carta desse conjunto, chegaremos a um espetáculo protagonizado pela potência de sermos nós, de sermos artistas.

Como irás ver, decidi mergulhar de cabeça no universo da escrevivência, não se preocupe, irei lhe atualizar sobre conceito, ideia, e finalmente sobre o que nos fez chegar até ela. Contarei também como decidi utilizá-la como caminho. Confesso que tropecei por algumas vezes na autobiografia mas, aqui entre nós, acredito que elas são amigas, ou talvez já tenham tomado um chá numa destas tardes conversando sobre a vida.

Ah! Sim, não deixarei de lhe contar como entrelacei as vivências, as escritas, minha família e arte, se bem me conheces, sabes que sempre tiveram um papel de peso em minha vida e carreira. Ao escrever, dei-me conta de pontos antes não analisados, então vais entender junto comigo, ao longo das próximas cartas, a importância da escrita enquanto registro. Mas, também verás que assim como você, a memória de outras pessoas segue sendo fonte inesgotável de criação. Quando unidas, escritas, memórias e vivências, são como uma tríade ancestral capaz de não somente resgatar histórias que já aconteceram, mas também de registrar as próximas, e de conhecer as de outras pessoas. Assim como aquela expressão africana, a palavra *Ubuntu*, que pode facilmente se encaixar neste contexto: “*Eu sou porque nós somos*”.

Espero que aprecie este conjunto de cartas que lhe enviarei. Não se deixe levar pelo fluxo intenso de nosso pensamento. Entenda que este é um processo necessário. Afinal, se aqui falaremos de registros, quem sabe o que teremos para contar daqui há dez, vinte anos? As coisas que vamos aprender, principalmente após refletirmos sobre tudo o que irei lhe contar a seguir. Espero ter prendido sua atenção até aqui. Não se esqueças do seu papel neste grande espetáculo. Analisaremos alguns pontos e, ao final, podes me dizer o quão enriquecedora é a sensação de liberdade de pensar e escrever sobre todos nós: família, sonhos e lembranças.

2.CARTA À BANCA

Escrevo-lhes esta carta em forma de atualização. Devo lhes lembrar que minha inspiração para estas escritas segue sendo Machado de Assis. Admiro a maneira como ele consegue contar suas histórias como quem tem uma conversa tranquila, sentado em um parque, enquanto toma um chá entre amigos, me encanta. Talvez audacioso de minha parte, mas como boa geminiana que sou, por tendência, tenho facilidade ao diálogo. Assim, sinto que consigo formular e organizar o fluxo de pensamentos com maior facilidade através de cartas.

Durante o processo do meu Estágio, entre pesquisas, sonhos e perguntas, um caminho que outrora passou despercebido começa a iluminar-se: a escrita em forma de registro. Eu que sempre adorei fotografias, e marco lembranças embaladas por muitas músicas, me vi costurando perguntas e respostas em meio as escritas.

Agora, enquanto lhes escrevo, estou sentada de frente para uma grande avenida. Observo o vai-e-vem dos carros, o passo apressado dos pedestres, o silêncio dos pássaros neste dia de chuva em Porto Alegre. Percebam: o que acabei de lhes transcrever se tornou memória. Amanhã, no mesmo horário, no mesmo local onde eu esteja, tudo terá mudado, e os pontos marcantes passarão a ser memórias. Este é meu ponto de vista, sobre a rua, sobre hoje, sobre a vida, sobre amor, sobre as pessoas. Somente eu posso lhes contar o que contei deste jeito, pois esse é meu olhar sobre o mundo. Certamente outra pessoa poderia ver a mesma cena e, ainda assim, vislumbrá-la de outra maneira. Penso nas memórias como caminho para entender, questionar e pesquisar a escrita como forma de registro.

Eu sou uma mulher negra. Quem foram os meus ancestrais? Eles vieram de África, ou de outros lugares pelo mundo? Tivemos artistas na família anteriormente? O processo de apagamento da história de pessoas negras se deu através dos anos e séculos de inúmeras maneiras, o racismo segue sendo sua arma mais letal. E, entre os desdobramentos que o período escravagista nos impõe até os dias de hoje, a dificuldade em achar registros físicos das histórias de nossas famílias segue como empecilho quando se pensa em resgate. Entretanto, a ancestralidade, em toda sua magnitude e resiliência resiste ao tempo, aos preconceitos e a tantos outros

obstáculos, sejam por meio de contos, música, religiosidade ou (por sorte) escritos que resistiram ao tempo.

A título de curiosidade, devo lhes contar que sempre fui uma pessoa dos porquês. Devo isto ao meu signo solar. Sempre quis saber o porquê, como, quando de tudo. Você sabe sua origem? A origem de suas famílias? Já se perguntaram, como os bisnetos de vocês vão conhecer vocês, saber como vocês eram, como viam o mundo, os sonhos que tinham? A escrevivência me traz todos estes questionamentos, estas reflexões. Nesta pesquisa, talvez eu encontre as respostas para eles. Hoje, encontro na escrita um caminho de expressão e de registros não só próprios, ou sobre minha família. Tenho pensado na escrevivência como ponto de partida que se entrelaça com o passado através das memórias e que conversa com o futuro através das palavras e pensamentos, para que eu possa assim, como no fluxo do trânsito pelas cidades, ir e voltar, para que eu possa conhecer a magnitude das vivências alheias, enriquecendo ainda mais minha pesquisa.

Não se esqueçam, transitamos entre memórias e escritas, a fim de potencializar o presente, vislumbrando um futuro rico em consciência de si. As pesquisas são apenas o pontapé inicial. Vocês vem comigo?

3. CARTA À ESCREVIVÊNCIA

Nesta carta venho lhes contar um pouco sobre o desenvolvimento de minhas análises. Talvez percebam, ao longo delas, que memórias e vivências se entrelaçam por diversas vezes neste caminho de pesquisas. Verão também como o conceito de *escrevivência*, desenvolvido pela linguista e escritora afro-brasileira Maria da Conceição Evaristo de Brito, cujo nome artístico é Conceição Evaristo, nos vai servir como guia estrutural não apenas para o fluxo de pensamentos em relação a registros e ancestralidade, mas sua maneira de escrita nos influenciará também em nível artístico. Começamos do início. Antes de avançarmos nas análises e desdobramentos, precisamos entender o termo *escrevivências*.

Professora, poeta e escritora, Conceição Evaristo é criadora do termo *escrevivência*, que nasce da junção das palavras escrever + vivência. Como explicam as pesquisadoras Constância Duarte e Isabella Rosado em sua obra *Escrevivência - a escrita de nós*, o termo tem origem na expressão Mãe Preta¹. Na época da escravidão, algumas mulheres negras eram designadas para a casa grande, local onde residiam os senhores de engenho. Lá, elas eram responsáveis não só pela limpeza e organização da casa, mas serviam aos adultos e também eram responsáveis pelos cuidados das crianças que ali viviam. Neste período, como muitos de nós sabemos, a servidão de pessoas negras se baseava nos abusos e maus tratos de diversas formas, entre eles a educacional, com a proibição no aprendizado da leitura, escrita e mesmo da enunciação da voz, visto que muitos escravizados só poderiam falar quando permitido pelo senhores. Entre os raros casos de permissão, estava justamente quando essas mulheres contavam histórias para estas crianças a quem elas serviam.

Percebam, então, através da história, como na prática a ancestralidade se faz resiliente. Quando falamos em registros da cultura e história afro-brasileira é imprescindível compreender que ela permanece viva sob os registros da pluralidade cultural através da oralidade, musicalidade, religião e escrita, histórias que são passadas de geração em geração em seus mais diversos meios. Contar histórias sobre os antepassados, sobre religião, sobre a criação do mundo da maneira como eles

acreditavam, era a maneira mais eficaz de não só esquecer seu lugar de origem, mas de manter viva suas tradições.

'Mãe preta: termo usado para representar mulheres negras escravizadas que viviam dentro da casa grande servindo, cuidando dos filhos da casa.

Foi neste gesto perene de resgate dessa imagem, que subjaz no fundo de minha memória e história, que encontrei a força motriz para conceber, pensar, falar e desejar e ampliar a semântica do termo. Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças.

(DUARTE, ROSADO, 2020, pg 30)

Portanto, minhas primeiras impressões da escrevivência se originam neste lugar da memória ancestral, do resgate e continuidade na resistência de perpetuar nossa memória. Se hoje tenho a oportunidade e a liberdade de falar sobre nós, o farei.

3.1 Da escrita ao registro

A escrita surge para mim de maneira mansa. Lembro-me de ter certa intimidade com as câmeras, e em registrar e deixar-me ser registrada desde pequena, tendo grande influência de minha mãe que, desde sua infância, nutre paixão por máquinas fotográficas. Construímos, em nossa família, a tradição de registrar momentos importantes através de fotos. Desde minha infância, sentia que fotos eram ótimas para essa função, pois sempre que vistas reativam sensações. Minha percepção era como se as memórias se tornassem palpáveis. Já a escrita era um terreno macio, que eu experimentava ainda sem muita ênfase e alienada das normas acadêmicas, visto que a escrita informal sempre me foi mais confortável como linguagem. Gosto, principalmente, de uma escrita em tom de conversa, motivo pelo qual lhes escrevo estas cartas. Sempre fui fascinada por registros, poder datar uma memória, um acontecimento importante, um momento a se recordar. Entretanto, nunca antes havia pensado na possibilidade da *escrita* enquanto *registro*, de maneira análoga, ainda que

muito distinta, das fotografias. Essa possibilidade se desenhou e ganhou força dentro da universidade.

Atrelado ao desejo de homenagear minha mãe através da arte e da curiosidade pelas minhas origens, elaborei um texto teatral durante o processo de criação do meu Estágio de Atuação, com base nos estudos da autobiografia e da autoficção interligadas com a *escrevivência*. Essa experiência trouxe um caminho de possibilidades e pesquisas que só se originaram pelo desejo em falar sobre minha família de um modo muito particular. Na atualidade, a decisão de falar sobre uma família inteiramente negra, sobre sonhos, memórias e muito mais, de uma perspectiva positiva amplia horizontes, principalmente no âmbito acadêmico, onde vemos a predominância caucasiana. Aqui, retornamos para os pensamentos de Conceição Evaristo para encontrar uma metodologia para desenvolver e perpetuar a voz da mulher negra através da escrita.

No âmbito artístico, entende-se que nem sempre a oportunidade de falar sobre algo que é nosso desejo de pesquisa se torna possível. Por este motivo, neste momento resolvo voltar minha atenção e pesquisa para a origem de tudo que venho construindo artisticamente. É importante destacar a importância de referências com as quais eu me identifico não apenas academicamente mas, fisicamente, na minha personalidade.

Em um universo acadêmico dominado majoritariamente pela branquitude, homens e, posteriormente, mulheres, a importância de se reconhecer em teóricos, poetas e artistas ultrapassa as linhas impostas pelo sistema. Abordar em um Estágio e em um Trabalho de Conclusão de Curso uma família afro-brasileira falando sobre afetividade integra justamente o conceito inicial de *escrevivência*. Tendo isso como base, a partir de agora podemos mergulhar na *escrevivência* como teoria, potência de criação cênica e de pesquisa artística, assim iremos costurar histórias aos registros.

3.2 História, Análises e Teoria

Então lhes pergunto, se fossem escrever cartas endereçadas a alguém contando sobre sua vida, sobre quem vocês falariam além de vocês mesmos? Se fosse

escrever sobre alguém por quem se tem muita admiração, quem seria? Quais vivências contariam e quem lhe acompanharia nestas vivências?

Hoje entendo que minha pesquisa começa neste ponto, e vou lhes contar porque. Quando temos a oportunidade de escolher não apenas o curso da universidade, mas o tema de Estágio, em minha opinião, é o momento perfeito para unir aprendizado e história, seja ela qual for. A história que justamente nos colocou diante do caminho do aprendizado. Escolhi falar sobre minha mãe porque, ao olhar para ela e tudo que ela representa, quero poder contar ao mundo (e que conste de fato nos registros) o quanto ela representa em minha vida. E, quando se pensa em registros no Teatro, nada melhor que uma peça teatral. Este foi o pontapé que me fez pensar sobre a escrevivência. Porque, quando falo dela, falo de mim, de minha irmã, de minha avó, de nós todas, posso falar de minha bisavó e assim sucessivamente. Entretanto, quando se é negra, não há muitos registros mais antigos. Foi então que pela primeira vez pensei sobre a possibilidade de meus netos e bisnetos conhecerem quem sou e fui através de minhas próprias palavras. Ainda que a vida esteja sempre em grande transformação, pelo texto dramático do meu espetáculo de Estágio, meus descendentes saberiam, através de mim mesma, o que eu tinha para dizer por intermédio da minha arte. Foi quando percebi a falta de informações sobre meus antepassados, e me vi vítima do apagamento histórico da população negra, que se perpetua até os dias de hoje, pela negação do direito a todos registros comuns de identidade.

O período escravocrata, capítulo hediondo da humanidade, segue como projeto para que pessoas como eu sigam desconhecendo suas origens, e, assim, percam sua voz e a capacidade de recolher informações dos mais velhos para transmitir aos mais novos. Quando se desconhece sua origem, dificilmente se saberá para onde ir, ou se passará adiante os conhecimentos sobre si e sobre seus antepassados. A marginalização da cultura afro-brasileira também passa por esse caminho, uma vez que tudo que usamos como registro passa por um período de discriminação, falo aqui em estética, religião, música, etc.

Entretanto, reparem bem, a potência da nossa ancestralidade é nosso guia através das nossas memórias, dos contos, das imagens, desenhos, músicas, religião,

arte e escritos. Resistimos através dos séculos ao racismo e ao sistema colonial e sua herança, que insiste em criar barreiras para que tenhamos nossa liberdade efetiva. Não abandonar maneiras de registrar, de contar experiências é demonstrar algo sobre nós. É o grande elo que fortifica toda luta e caminhada por nossos direitos. Vamos continuar contando nossas histórias. Entendemos a escrita vinda de pessoas negras como caminho de registros letrados, sem excluirmos que grande parte destes registros só resistiu a tantos anos por tanto tempo, por conta da oralidade. Mas uma vez transcritos os conteúdos, as histórias, os conhecimentos, etc se consegue alcançar uma solidez de registro, referências registradas que podem ultrapassar gerações.

Talvez, neste momento da leitura você possa estar se perguntando em qual ponto a pesquisa ganha forma? Entenda que neste processo de *escrevivência* a definição de pesquisa transita e dialoga com as memórias, nossas e de pessoas próximas, com acontecimentos, com perguntas sobre, no meu caso, minha família. A pesquisa torna-se, de fato, uma imersão no universo de si. Meu ponto de partida e análise é minha relação com minha mãe, minha irmã, avós e isso também passa pelo processo de conhecer mais sobre nossa família, entender e pesquisar mais sobre as pessoas que vieram antes. Quais as semelhanças destas pessoas, as quais eu não tive oportunidade de conhecer e inclui-se neste processo? Uma série de memórias são desencadeadas no processo criativo da escrita quando a gente trabalha os processos por este viés. A escrita passa a desenvolver um papel de estímulo ao conhecimento, ao empoderamento pelo registro, uma vez que, pelo menos em minha família, temos pouquíssimos registros de meus bisavós, e de meus tataravós não tenho informações sequer sobre seus nomes.

A indagação e a curiosidade que a escrita impulsiona vem do anseio do registro, ou da falta dele. Todos estes pontos do passado conversam com o presente e futuro. Se hoje decido criar um texto teatral onde falo da minha família sob a perspectiva da *escrevivência* e da autobiografia, eu inicio um processo de registro contemporâneo, na intenção de, assim como nas fotos, datar um momento, uma história interligada à arte teatral. Por isso, a partir deste momento, vamos começar a analisar a *escrevivência* não apenas como registro e pesquisa, mas como dispositivo artístico. Nesse sentido, é importante salientar que a *escrevivência* não se baseia apenas no âmbito da memória

familiar. Essa foi a ênfase escolhida por mim em meu Estágio de Atuação. Acredito que seu ponto principal é justamente a incitação à produção de memórias e de registros por pessoas negras em qualquer ênfase ou assunto.

Quando finalizamos a escrita de *Tanto de mim é de você*, peça criada em meu Estágio, ficam claras algumas referências como família, religião, sonhos, acontecimentos, memórias. Todos estes pontos são contados por um personagem principal na linha da *escrevivência*, que é narrada através de acontecimentos e memórias. Neste ponto em que entendemos a teoria da *escrevivência* como registro, podemos agora começar a nos aprofundar nas suas vertentes.

3.3 Conceição, *escrevivências*, personagens

A escrita de *Conceição*, por ela já dita, é uma escrita negra, feita para pessoas negras, logo, um lugar de pertencimento e fortalecimento de pessoas negras através da escrita e da arte. No tópico anterior, analisamos a escrita e a vivência. Se aplicarmos o conceito ao campo da atuação e da dramaturgia teatral, podemos ver que o enredo, quando baseado na *escrevivência*, nos permite enxergar a potência do real sentido no ato de escrever+vivenciar proposto por Evaristo. Afirmando isto porque quando contamos uma história, escrevemos literatura ou, neste caso, criamos em uma peça teatral, mergulhamos não somente nos fatos históricos, mas buscamos reconstruir os personagens pela bagagem emocional que eles carregam e que define seus comportamentos. O foco passa a ser visibilizar no enredo a experiência dos personagens dramáticos ou narrativos, e aí está o poder da *escrevivência*, em dar oportunidade para que possamos registrar nossas vozes em dramaturgia. Como explica Evaristo citada pela autoras na obra já referenciada:

“O exercício de criação estaria concentrado na mulher [...] Quais seus sustos e temores.. Seria por um acaso a queima do vestido.. Como essa mulher enfrentaria o castigo.. Buscaria uma possibilidade de fuga?”

(IDEM, IBIDEM, pg 29)

Quando Evaristo fala sobre destacar sensações deste ou daquele personagem, levantando questões que o fizeram pensar de tal maneira, agir de outra, estamos observando não só a criação de quem narra uma vivência, mas a humanização desta persona/personagem. Nesse processo, entendemos que criar uma dramaturgia que tem como ponto de partida os registros (orais ou escritos, musicados) envolve exatamente esse fluxo de fazer dialogar as memórias passadas e presentes para se construir um narrador. Entramos, assim, em um mundo novo onde diversas coisas se revelam magníficas, ainda que simples, pelo fato de estarmos falando sobre negritude, memória, história, narrativas e práticas silenciadas. Não esqueçamos jamais que muito nos foi tirado, inclusive o protagonismo de nossa própria história por diversos anos. Retomar esse olhar para nós, tornar nossa história registro efetivo, pois, antes de mais nada, é um direito do povo negro que nos foi alienado, é essa para mim a essência da escrevivência. É trazer de volta pra casa nossas histórias, nossa autoestima, nossa capacidade de vivenciar sonhos.

Como referencial teórico-artístico para meu Estágio, a *escrevivência* foi o fio condutor para criação não apenas a partir do registro dos fatos e das pessoas reais envolvidas no enredo, mas como possibilidade de invenção de pessoas imaginárias, no exercício de preencher as lacunas historicamente roubadas da minha história individual, que também, em certa medida, a história social do meu povo.

3.4 *Escrevivências* autobiográficas

Assim, quando decido falar sobre minha família em um Estágio em Teatro, as escritas do texto teatral vão se moldando a partir de conversas sobre vivências reais, porque ainda que a escrevivência possa transitar pela autobiografia, a identificação com o público se dá através da potência das relações, e neste caso, colocar em cena o elo entre mãe e filha, de irmãs é também entender que a pluralidade abraça questões em comum de sociedade, e o tema familiar abraça essa questão.

Acabo de perceber que ainda não lhes contei sobre *Tanto de mim é de você*, peça teatral que venho citando ao longo destas cartas, farei um breve resumo: trata-se de um espetáculo que narra a ascensão de uma jovem atriz negra, que entra em

conflito derivados dos questionamentos que a vida adulta, consciência social e a própria sociedade proporciona, neste momento ela decide voltar o seu olhar para suas raízes para que encontre força necessária para alçar novos voos. Neste caminho ela percorre memórias, encontra acolhimento e respostas em sua relação com sua família. Variando os momentos em que narra e em que faz parte do momento presente, os personagens contam como apesar dos medos e adversidades, o âmbito familiar é fonte inesgotável de força, poder e amor.

A base das escritas surge através das memórias, momentos que aconteceram, e aqui neste ponto, é importante lhes contar que a escrevivência para além dos objetivos acadêmicos e registros oficiais, é responsável por construir e solidificar a autoestima de pessoas como eu, mostrar belezas, vulnerabilidades, pensamentos, relações e tantas outras nuances, e também utilizar-se dessas vivências como potência cênica.

Agora que entramos no tema que conversa com a teoria, finalmente vou lhes contar um pouco sobre a pessoa que entra como peça principal das minhas escrevivências familiares e que é minha inspiração para a construção de meu Estágio em Teatro e meu Trabalho de conclusão de curso: minha mãe.

Minha mãe entra no contexto de escrevivências não só pela influência em arte, músicas ou fotografias, ela me faz pensar em registros, me faz querer mostrar a beleza genuína da nossa relação familiar que vive sob a base de afeto, união e lealdade. Quando falo dela, falo de mim, falo de minha irmã, do poder da escrevivência pautada em algo positivo. As pesquisas sobre ancestralidade passam pelas memórias da infância dela, pelos traços em comum que por genética ou convivência eu e minha irmã possuímos. Passa também pela sensação de liberdade ao poder contar sobre pessoas negras sob um olhar sensível, delicado e amoroso. Entregar a potência de relatos pessoais, visões sobre o mundo, dar voz a vulnerabilidade que hoje podemos nos permitir sentir, em questões teóricas, registrar na prática como utiliza-se a escrevivência como base para a criação artística, as fotos do espetáculo ficaram como registro, o texto teatral, a experiências vividas durante o processo do Estágio e da criação do Trabalho de Conclusão de Curso também, sendo pela oralidade ou servindo de inspiração para outros trabalhos.

O fato é que a vida e existência de minha mãe, me inspira a querer saber um pouco mais sobre muitas coisas, me inspira a querer escrever, aprender, registrar.

3.5 *Escrevivências* voltados ao tema: conversa com a teoria

Quando usamos a peça *Tanto de mim é de você* como exercício de *escrevivência* dentro do fazer teatral, percebemos duas perspectivas. Uma delas trata da raiz do termo, que, conforme vimos, trata do resgate da identidade de pessoas negras por meio da possibilidade de uma escrita que seja vivência. No espetáculo, o procedimento fica claro no modo como as personagens, criadas a partir das minhas memórias e das atrizes do processo, contam suas expectativas, seus sonhos, sua vulnerabilidade, e a busca pela realização do sonho ancestral por liberdade. Outra perspectiva são os momentos já vividos, atualizados e encenados por um personagem que conta a sua história como participante da recriação do presente, transitando entre lembranças, sonhos e futuro. Nessa perspectiva a *escrevivência* se molda através das memórias tanto entendidas como o que foi vivido, mas também como as possibilidades que se abrem e que virão quando entendemos nossa história pessoal e a história coletiva.

No espetáculo, o tema central é a maternidade, porém, o tema é abordado sob a ótica da filha. A *escrevivência*, nesta perspectiva, se desenvolve em duas vertentes: a narração das vivências que ocorreram e a visibilidade da importância de uma maternidade positiva para que memórias futuras possam existir. Quando falamos em escritas negras, é importante destacar a possibilidade e liberdade em falar coisas boas, em relatar uma família construída com afeto e acolhimento, em mostrar que ainda que a gente lide com imensa violência social temos muito a falar, a mostrar, a contribuir positivamente.

Não por acaso, minha mãe é a base do espetáculo e tema deste trabalho. É porque minhas *escrevivências* passam por essa relação altamente positiva entre nós duas que pude realizar meu Estágio. Ela sempre esteve lá, amparando minhas

pesquisas, minhas análises. Retratar minha mãe não é só contar ao mundo sobre nossa relação, mas é também registrar configurações de pessoas e famílias negras fora do estereótipo criado pela sociedade. A escrevivência, nesse sentido, tem como objetivo não somente o resgate ancestral, mas o registro do que se constroi no presente.

Antes de concluir estas cartas, preciso contar um pouco mais sobre esta mulher de quem eu tanto falo, que é o tema de meu Estágio, de meu Trabalho de conclusão de curso, e minha maior inspiração, como mulher, como pessoa, como artista.

4. NOTAS SOBRE MINHA MÃE

Se a nossa vida fosse uma grande peça teatral, uma série ou novela, minha mãe com toda certeza seria o pilar mais importante dessa grande história que eu tenho pra contar. E claro, todos podem dizer o óbvio: mães são o pilar mais importante porque nos dão a vida. Verdade. Mas, a minha relação com minha mãe percorre outros sentidos também.

Quando se é criança e está naquela fase de querer conhecer tudo, saber os porquês, fazer milhares de questionamentos, é muito importante a figura materna não só no âmbito do afeto, mas do acolhimento, do impulso, da inspiração. E minha mãe é isso: uma inspiração. Eu poderia descrevê-la desta maneira: uma mulher negra, linda, 52 anos, que trabalha como cabeleireira há mais de 20 anos. Recentemente, se formou em técnica de nutrição, tem duas filhas, um cachorro, pertence a religião de matriz africana, sendo uma grande e legítima filha de Iansã. Minha mãe tem afeto no olhar, tem amor, carinho, recepção, minha mãe tem sinceridade, intensidade, acolhimento, possui um senso de justiça apurado atrelado ao coração mole. Vira um leão quando o assunto é eu e minha irmã. Minha mãe é força, resiliência. Minha mãe é arte.

Tenho uma memória muito viva de minha infância, onde todos os domingos, quando era seu dia de folga, eu acordava com o cheiro de comida no fogo e Alcione tocando no rádio. Sempre que eu me levantava da cama, ela me via, me abraçava e aumentava o volume para cantarmos juntas. Foi assim que me tornei uma grande fã de Alcione e de outros artistas. Sempre que íamos sair, eu amava as vezes em que vestíamos roupas iguais, me sentia sua miniatura. Lembro-me de adorar ver TV, ver as atrizes, e, na minha cabeça, minha mãe era como uma artista. Eu sabia que ela não era atriz, nem cantora, mas ela é uma artista pra mim. Minha mãe tem aura, e quem convive com ela consegue sentir a magnitude e energia que apenas ela possui.

Nossa ligação sempre foi e é, como a gente sempre diz, coisa de outras vidas. Nós somos muito amigas, muito parceiras, muito companheiras, minha mãe me conhece até pelo andar, o que eu até me surpreendo. Deve ser algum superpoder que você ganha quando se torna mãe, mas o fato é que para além da relação de mãe e

filha, temos um elo construído com afeto, cuidado e acolhimento que resulta na nossa amizade.

Até hoje conversar com minha mãe é resgatar a sensação genuína que ela me ensinou a ter de pensar que no mundo é possível alcançar todos os sonhos, que eu sou do tamanho do meu sonho. Crescer com uma mãe que acredita em mim, é o que me moldou como pessoa e atriz. Entendi a *escrevivência* na essência de seu termo, quando enxerguei a beleza que é falar de minha mãe, falar de tudo que ela me ensinou. Quando pude ver que falar sobre mim é também um resgate de nossa família. Não posso mentir: é agriçoe a sensação de compartilhar com o mundo algo tão pessoal. Mas, na mesma medida, é exuberante a potência que isso carrega.

Olhar pra minha mãe é enxergar a força de uma mulher negra em sua excelência. É ver na prática a resiliência entre ser mulher, filha, mãe, dona de casa, dona do seu serviço, dona da sua vida. Olhar pra ela é fortalecer minhas raízes, minha sensação de liberdade, e de que posso conquistar o mundo. Olhar pra ela é lembrar de mim, não só porque somos parecidas fisicamente ou em alguns traços de personalidade, mas porque ela me dá a sensação aliviadora de que, eu sou amada por ser quem sou, de que acreditam em mim, e que mesmo que o mundo queira me impulsionar para caminhos que eu não quero percorrer, eu posso sim ser do tamanho do meu sonho.

Olhar pra minha mãe, é lembrar dos meus sonhos, é caminhar na certeza de que sou abençoada. Nossa família é linda, do nosso jeito, com nossos costumes, e neste trabalho onde eu tenho privilégio de poder falar sobre isso, que fique aqui registrado: minha família é tema em meu Trabalho de Conclusão de Curso na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

5. CARTA A CONCEIÇÃO EVARISTO

Dedico esta carta a Conceição Evaristo, não porque me tornei especialista em suas teorias, ou porque me sinto à vontade com a responsabilidade de me comunicar minimamente com suas ideias, mas porque foi através de sua escrita que eu encontrei não apenas beleza em falar sobre mim, minha família e ancestralidade, mas porque encontrei autoestima através da escrita. Porque, dentro de tudo que li e absorvi, pude compreender que a *escrevivência* está no ontem, no hoje e no amanhã. Para alguém que nunca imaginou escrever, hoje vejo a escrita como processo de libertação, como uma semente que eu estou plantando e que vai germinar por muitos anos, não só em minha vida.

Artisticamente, a *escrevivência* traz um olhar mais delicado porque volta sua atenção ao personagem. E, neste ponto, é de extrema importância destacar o quanto as escritas feitas por pessoas negras influenciam a maneira como a gente faz arte. É um fato que as escritas da branquitude estão moldadas a construir personagens negras despidas de humanidade, verdadeiros clichês. Reconhecer que podemos assumir o protagonismo em criar modos artísticos de representação que nos façam sentido é urgente. Da mesma forma na escrita acadêmica: é de extrema importância que no caminho que estou percorrendo eu olhe para o lado e tenha identificação. Meu discurso busca se potencializar nisso.

Que privilégio poder adicionar este capítulo às minhas *escrevivências*, poder conhecer uma teoria que me ajudou a entender todo meu percurso acadêmico, tudo que me atravessou ao longo do curso. Não é só sobre falar apenas de si, de uma família em específico, de uma aluna. É sobre afetividade, negritude, sobre registros, sobre sonhos. É também sobre aprendizados, sobre conciliar o que aprendi nessa trajetória acadêmica com as vivências da vida, e, principalmente, enxergar na escrita um campo para desenvolver a autoestima, a potência. É dar força a minha voz.

Aqui deixo registrado minha gratidão, Conceição.

Este trabalho não poderia ser concluído sem suas leituras.

6. CARTA ÀS MEMÓRIAS: CONCLUSÃO

Minhas queridas memórias,

Não estamos nos despedindo, vamos andar juntas por muitos anos. Mas, precisamos chegar nas considerações finais deste TCC. Aqui, lhe contei um pouco sobre algo que conhecemos desde sempre: nós, nossa família, nossos sonhos. Agora, teremos registros físicos disso tudo, finalmente. Utilizei-me da teoria de Conceição, para que tivéssemos mais conforto em falar sobre nossas vivências. Refletimos sobre seus conceitos, e como eles podem funcionar na prática da escrita dramática. Entendemos seus objetivos, e como eles podem se aplicar tanto na vida quanto na arte.

Espero ter sanado todos os seus questionamentos prévios e os que surgiram ao longo da leitura. Entenda que essa é uma pesquisa em aberto, de apenas um pedaço das minhas *escrevivências*, tendo minha família como tópico principal.

Nestas cartas, pude lhes contar não apenas vivências, mas memórias, caminhos percorridos que hoje dialogam com a teoria que nos serviu de norte para o processo valioso de resgate que produziu meu Estágio. E é importante salientar que esse resgate também está atrelado a uma construção contínua de registro.

Concluo estas cartas na certeza de que o caminho da escrita marca não apenas um capítulo acadêmico, mas uma nova percepção através do conceito de *registro*. Registro de mim, de minhas vivências, o qual meus netos, bisnetos talvez, tenham acesso. Para que meus familiares na atualidade e no futuro também se vejam no papel de escritores, de contadores de suas histórias. Nada é tão nosso quanto nosso olhar sobre o mundo e a vida.

Na próxima vez que lhe enviar cartas, tenha a certeza de que terei novidades. Por hora, podemos revisitar estas. Não se preocupe, não pretendo demorar para lhe escrever. Talvez, com tudo que aprendemos e desenvolvemos, minhas próximas cartas venham recheadas de outras perspectivas. Talvez as transforme em um espetáculo novo, ou a continuação do último. São muitas as possibilidades. Até breve!

7. ALBUM FAMILIAR



(Fig. 01)



(Fig. 02)



(Fig. 03)



(Fig. 04)



(Fig. 05)



(Fig. 06)



(Fig. 07)

8. BIBLIOGRAFIA

DUARTE, Constância Lima. NUNES, Isabella Rosado (orgs). *Escrevivência: a escrita de nós - reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Ed. MINA, 2020.

EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. Rio de Janeiro: Ed. Pallas, 2017.

LEONARDELLI, Patricia. *A memória como recriação do vivido*. Campinas: Hucitec, 2011.

ASSIS, Machado. *Dom Casmurro*. 39ª edição. São Paulo. Ed. Ática, 2002.